

□ Tempo de leitura: 9 min.

Dom Bosco amava os animais? Eles estão presentes em sua vida? E que relação ele tinha com eles? Algumas perguntas que estão tentando ser respondidas.

Pássaros, cachorros, cavalos etc.

No estábulo da “Casinha”, para onde Mamãe Margarida havia se mudado com os filhos e a sogra, após a morte inesperada do marido Francisco, havia uma vaquinha, um *bezerro* e um *burrinho*. No canto da casa, um galinheiro.

Assim que pôde, João levava a vaquinha para pastar, mas estava mais interessado nas ninhadas de *pássaros*. Ele mesmo relembra esse fato em suas «Memórias»: “Eu tinha grande habilidade em caçar passarinhos com arapuca, alçapão, visgo ou laços; era também muito entendido em ninhos.” (MO 30 – MOp 37-38).

São bem conhecidos os vários incidentes deste seu “ofício”. Lembremos daquela vez em que seu braço ficou preso na fenda de um tronco de árvore, onde ele havia descoberto um ninho de chapim-real; ou daquela outra vez em que ele viu um cuco matar uma ninhada de rouxinóis. Em outra ocasião, ele viu sua pega morrer de gula depois de engolir muitas cerejas, inclusive o caroço. Um dia, para alcançar uma ninhada encontrada em um velho carvalho, ele escorregou e caiu pesadamente no chão. E um dia triste, ao voltar da escola, encontrou seu melro favorito, criado em uma gaiola e treinado para assobiar melodias, morto pelo gato.

Quanto aos *galináceos*, remonta àqueles anos o fato da misteriosa galinha deixada sob a peneira na casa de seus avós em Capriglio e libertada por Giovanni em meio a risadas de alívio. Também daqueles anos é o incidente do peru roubado por um malandro e devolvido com coragem e um toque de imprudência infantil. Dos anos de Chieri é o truque do frango com geleia levado à mesa e que saiu da panela vivo e gritando.

João fez uma verdadeira amizade com um cão em Sussambrino, o cão de caça de seu irmão José. Ele o treinou para abocanhar no ar os pedaços de pão na hora e a não comê-los até que fosse ordenado. Ele o ensinou a subir e descer a escada do celeiro e a fazer saltos e truques de circo. O cão de caça o seguia por toda parte e, quando João o levou de presente para os parentes em Moncucco, o pobre animal, tomado pela saudade, voltou para casa sozinho em busca do amigo perdido.

Como estudante em Castelnuovo, João também aprendeu a andar a *cavalo*. No verão de 1832, o reitor P. Dassano, que era seu tutor na escola, confiou a ele os

cuidados com o estábulo. João tinha de levar o cavalo para passear e, quando saía da aldeia, pulava em seu lombo e o fazia galopar.

Como neossacerdote, convidado a pregar em Lauriano, a cerca de 30 km de Castelnuovo, ele partiu a cavalo. Mas a viagem terminou mal. Na colina de Berzano, o animal, assustado por um grande bando de pássaros, se levantou e o cavaleiro acabou caindo no chão.

Dom Bosco fez muitas outras cavalgadas em suas andanças pelo Piemonte e nos passeios com os meninos. Basta lembrar a triunfante subida a Superga na primavera de 1846 em um cavalo com arreios de alto padrão, enviado a ele em Sassi pelo padre G. Anselmetti.

Muito menos triunfante foi a travessia dos Apeninos no lombo de um *burro* na jornada para Salicetto Langhe em novembro de 1857. O caminho era estreito e íngreme, e a neve era alta. O animal tropeçava e caía a cada curva, e Dom Bosco foi obrigado a desmontar e empurrá-lo para frente. A descida foi ainda mais difícil e só o Senhor sabe como ele conseguiu chegar ao vilarejo a tempo para a missão sagrada.

Essa não foi a última viagem de Dom Bosco em lombo de burro. Em julho de 1862, ele percorreu seis quilômetros de Lanzo a Santo Inácio da mesma forma. E assim, provavelmente, em outras ocasiões.

Mas uma das viagens mais gloriosas de Dom Bosco foi a de outubro de 1864, de Gavi a Mornese. Ele chegou ao vilarejo tarde da noite, com o som festivo dos sinos. As pessoas saíram de suas casas com lâmpadas acesas e se ajoelharam quando ele passou, pedindo uma bênção. Era o hosana do povo ao santo dos jovens.

Os animais nos sonhos de Dom Bosco

Se passarmos a considerar os sonhos de Dom Bosco, encontraremos uma grande variedade de animais domésticos e selvagens, mansos e ferozes, representando os jovens e suas virtudes e defeitos, o diabo e suas lisonjas, o mundo e suas paixões.

No sonho dos 9 anos, quando os meninos desapareceram, uma multidão de *cabritos, cachorros, gatos, ursos* e outros animais apareceram para Joãozinho, todos eles transformados em mansos *cordeiros*. No sonho de 16 anos, a majestosa Senhora Ihe confiou um rebanho; no de 22 anos, ele viu novamente os jovens transformados em cordeiros; e, finalmente, no de 1844, os cordeiros se transformaram em pastores!

Em 1861, Dom Bosco teve o sonho de passear no Paraíso. Naquela viagem, os jovens que estavam com ele se depararam com lagos para atravessar. Um deles

estava cheio de *animais ferozes* prontos para devorar qualquer um que tentasse atravessá-lo.

Na véspera da Festa da Assunção, em 1862, ele sonhou que estava nos Becchi com todos os seus jovens, quando uma *cobra* de 7 a 8 metros de comprimento apareceu no prado, horripilante. Mas um guia lhe ensinou a pegá-la com uma corda, que mais tarde foi transformada em um rosário.

Em 6 de janeiro de 1863, Dom Bosco contou aos meninos o famoso sonho do *elefante* que apareceu no pátio de Valdocco. Ele tinha um tamanho imenso e divertia os meninos de maneira amável. Ele os seguiu até a igreja, mas se ajoelhou na direção oposta, com o focinho voltado para a entrada. Em seguida, saiu novamente para o pátio e, de repente, seu humor mudou e, com farpas assustadoras, atacou os jovens para despedaçá-los. Então a estatueta de Nossa Senhora, ainda hoje colocada sob o pórtico, se animou e abriu seu manto para proteger e salvar aqueles que se refugiaram com ela.

Em 1864, Dom Bosco teve o sonho dos *corvos* voando sobre o pátio de Valdocco para bicar os meninos. Em 1865, foi a vez de uma perdiz e de uma codorna, símbolos da virtude e do vício, respectivamente. Depois veio o sonho da *águia* majestosa descendo para agarrar um menino do Oratório; e novamente o do grande *gato* com olhos de fogo.

Em 1867, Dom Bosco teve a impressão de ver um grande *sapo* nojento, o demônio, entrar em seu quarto. Em 1872, ele contou o sonho do rouxinol. Em 1876, o das *galinhas*, o do *touro* furioso e também o da carroça puxada por um *porco* e um *sapo* enorme.

Em 1878, ele viu em um sonho um *gato* sendo perseguido por dois *cães de caça*. E assim por diante.

Deixando para os especialistas a discussão desses sonhos, sabemos, porém, que eles tinham uma grande função pedagógica nas casas de Dom Bosco e que, especialmente em alguns deles, é difícil não ver uma intervenção especial de Deus.

O cachorro cinzento

Mas se quisermos chegar ao limiar do mistério, devemos nos lembrar do *“Cinzento”*, *aquele cão misterioso* que apareceu tantas vezes para proteger Dom Bosco nos momentos em que sua vida corria perigo.

Em suas *“Memórias”*, o próprio Dom Bosco escreve sobre ele: “O cão cinzento foi objeto de muita conversa e de várias suposições. Não poucos de vocês o viram e até o acariciaram. Agora, deixando de lado as estranhas histórias que se contam sobre esse cão, vou lhes contar o que é pura verdade” (MO 251. E ele passa a contar sobre os riscos que corria ao voltar para Valdocco tarde da noite na década

de 1850 e como esse grande cão frequentemente aparecia de repente ao seu lado e o acompanhava até sua casa.

Ele conta, por exemplo, sobre aquela noite de novembro de 1854, quando, ao longo da rua que levava da Consolata ao Cottolengo (hoje Rua Consolata e Rua Ariosto, perpendicular ao Corso Regina), ele percebeu que dois ladrões o seguiam e pulavam em cima dele para sufocá-lo, quando o cão apareceu, atacou-os com raiva e obrigou-os a fugir às pressas. Como último ocasião, ele conta sobre o Cinzento que apareceu para ele uma noite na estrada de Morialdo para Moncucco, quando ele, sozinho, estava a caminho, da propriedade Moglia para visitar seus velhos amigos.

Mas suas “Memórias”, escritas nos anos 1873-75, não puderam mencionar o que realmente parece ter sido a última aparição do Cinzento, que ocorreu na noite de 13 de fevereiro de 1883. Enquanto Dom Bosco, de Ventimiglia, não tendo encontrado nenhuma carruagem, dirigia-se a pé, sob uma chuva torrencial, para a nova casa salesiana de Vallecrosia, justamente quando, com sua visão fraca, não sabia mais onde colocar os pés, seu velho amigo, o fiel Cinzento, que ele não via há vários anos, veio ao seu encontro. O cão se aproximou dele festivamente e, em seguida, precedendo-o, moveu-se pela lama e pela escuridão espessa para guiá-lo. Chegando a Vallecrosia, saudou Dom Bosco com a pata, e desapareceu (MB XVI, 35-36).

Encontrando-se em Marselha para almoçar na casa de Olive, Dom Bosco contou o fato. A senhora então lhe perguntou como era possível tal aparição, pois o cão já deveria estar velho demais. E Dom Bosco, sorrindo, lhe respondeu: “*Deve ter sido um filho ou neto daquele!*” (MB XVI, 36-37). Ele então se esquivou de uma pergunta embaraçosa, pois não podia ser um fenômeno natural, mas não disse que era sua imaginação. Era sincero demais para dizer isso.

De acordo com os testemunhos de José Buzzetti, Carlos Tomatis e José Brosio, que conviveram com Dom Bosco desde os primeiros dias, o Cinza se assemelhava a um cão ovelheiro ou de guarda. Ninguém, nem mesmo Dom Bosco, jamais soube de onde ele veio ou quem era seu dono. Carlos Tomatis disse algo mais: «Era um cão com uma aparência realmente formidável e, às vezes, Mamãe Margarida, ao vê-lo, exclamava: “Oh, que bicho feio!” Parecia quase um lobo, com um focinho alongado, orelhas levantadas, pelo cinza, um metro de altura» (MB IV, 712 – MBp IV, 628). Não é à toa que ele inspirava medo naqueles que não o conheciam. No entanto, o Card. Cagliero testemunha: “Eu vi o simpático animal numa noite de inverno” (MB IV, 716 – MBp IV, 632).

Simpático animal!!! para os amigos!...

Certa vez, em vez de acompanhar Dom Bosco em casa, impediu-o de sair.

Era tarde da noite e Mamãe Margarida tentou dissuadir o filho de sair, mas ele estava decidido e pensou em pedir a alguns meninos mais velhos que o acompanhassem. No portão da casa, eles encontraram o cachorro deitado. “Oh, Cinzento”, disse Dom Bosco, “levante-se e venha conosco!”. Mas o cão, em vez de obedecer, emitiu um uivo de medo e não se moveu. Duas vezes Dom Bosco tentou passar e duas vezes o Cinzento o impediu de passar. Então Mamãe Margarida interveio: “*Se ‘t veule nen scoteme me, scota almeno ‘l can, seurt nen!*” (Se não queres me escutar, escuta ao menos o cachorro. Não saias). E o cão venceu. Mais tarde, soube-se que assassinos contratados estavam esperando do lado de fora para tirar sua vida (MB IV, 714 – MBp IV, 630).

Assim, o Cinzento muitas vezes salvou a vida de Dom Bosco. Mas ele nunca aceitou comida ou qualquer outro tipo de recompensa. Ele aparecia de repente e desaparecia no ar quando a missão estava cumprida.

Mas então que tipo de cão era o Cinzento? Um dia, em 1872, Dom Bosco foi hóspede dos Barões Ricci em sua casa de campo em Nossa Senhora do Olmo, perto de Cuneo. A Baronesa Azeglia Fassati, esposa do Barão Carlos, tocou no assunto do Cinzento, e Dom Bosco disse: “Vamos deixar o *Gris* em paz; já faz algum tempo que não o vejo”. Fazia dois anos que ele havia dito em 1870: “*Este cão é realmente uma coisa notável em minha vida! Dizer que ele é um anjo seria motivo de riso; mas também não se pode dizer que ele é um cão comum, pois eu o vi novamente outro dia*” (MB X, 387 – MBp X, 337-338). Poderia ter sido essa a ocasião de Moncucco?

Mas, em outra ocasião, chegou a dizer: “*De vez em quando me vinha a ideia de procurar a origem daquele cão... Eu não sei outra coisa a não ser que foi uma verdadeira providência para mim*” (MB IV, 718 – MBp IV, 634).

Como o cão de São Roque! Certos fenômenos passam pela rede da pesquisa científica. Para aqueles que acreditam, nenhuma explicação é necessária; para aqueles que não acreditam, nenhuma explicação é possível.